

poemas de
Carolina de Pinho

Ontem arrancaram-te as veias
reconhecia teus poros secos, enfim narciso
inerte, como lhe prezava estar,
havia alcançado o controle dos sentidos
No mesmo ontem o outro decidiu embrenhar-se na abstração do silêncio
que sempre lhe foi companhia mais íntima
portava-se selvagem e frágil
como algo que voa a qualquer movimento insensível ou desarmônico
calava o léxico social
estabelecia-se na língua do cotidiano como um desertor
propondo seu reverso
sabotador da cegueira alheia
dava às pessoas o que lhes pediam
o olhar cálido
a contrapartida por obedecer
o trabalho, a função
As mulheres olhavam e cavavam
concebiam túneis
em suas mil e uma noites
cozinhando os retalhos
bebendo-lhes o caldo
tragando-lhes o vapor
no conforto de seus castelos de areia
estudá-los era desencantar-me da permanência e do argumento
era entender a roda
a escolha e o estar como engrenagens do mesmo moinho

O portal habitava a beira do copo, não teu fundo, como era esperado,
e apenas existia por esse copo estar à borda
A dança coexistia a deuses assustados
A densidade do sol nas pedras era o que me fechava
O silêncio do escuro das imagens o que me abria
Eu me pingava
às vésperas de potência
às sensações mais intensas
apenas os pingos necessários
E olhava-me, como que em prelúdio, prenúncio, premilinar
como que prestes ao ataque de beber-me até o fundo
descobrir se raízes habitavam aquelas águas
Chegar ao fundo do copo era o princípio de tudo, tornar a ele, torná-lo eu
e eu por vezes devolvia a água ao fundo, em temor aos deuses mortos
até o instante do entendimento, esquecimento
de que há presença no transitório
arriscar instabilidades
espasmos
e regressar ao lugar de potência
à borda, constantemente a transbordar, esquecida
habitá-la descobre-se o álbe do acesso, por entre as cercas

Se locais, cais locados:
-o imóvel da intrínseca e amedrontada antropofágica posse
pelo inquilino desapego-
E se é a vírgula o resumo de toda a fala
e eu a incógnita
a procura de um nó
que se faça a lenda-identidade
E se acasos tornam-se dívidas
a agiotas
ditos amigos, amores
imas
se nossa vontade guerreia
e seu desejo torna-me
mais uma prateleira pra tua fome
consumo-ei-me
de meu desejo de entranhas mais
Se me rasgo todo o tempo
(frágil no paraíso, forte no inferno)
Por instinto e sobrevivência
Torna-te a fonte da imprecisão
Tão pura seja tua devassa
Que se faça com a clareza de um rio todo beijando a mesma beira
em tua correnteza, a passar

Ao artista
(para uma certa arte..de uma arte incerta)

gume cego de navalha mirando o próprio ventre
a surdez pálida de onde enterram-se
pois que lhes apraz estar longe para estar sobre
mantendo preservados os sentidos do medo
inventando aquários onde se desinventam
protegidos na aura estética do estático
entulhando o que escancara-se frágil
e faz do belo outro mero mote do acaso
na prateleira: “Infantil, tosco” de sua fome

O silêncio são os braços
com que as tardes compõem a melodia de pausas
que despe as precisas e vaidosas horas executivas,
e como se fora ele a força lenta e bruta
que mostra uma a uma as pétalas em gozo
borda a palavra vazio nos absolutos "out-doors"
fora das portas das cidades
enraivecendo passantes
inesperados de improvisos de danças nos caminhos de suas retas

Não há retorno
muitos gumes
As carrancas se enfeitam
e não protegem mais
alguém esquecido dança
inconsistente, no caos sólido
amigo da guerra, em silêncio
faz um eco a ti
a um passo da força, força
“-anseia mais que tua gula
porque há farsa e fogo”
e então entranha-te, estranha-te
e engole a ti mesma
pra saborear os podres de tua própria carne
e vê onde te gela
te olha murchando, fingindo
te olha brotando
enquanto os abutres se aproximam
e tú mesma resolve exalar a morte
pra que te venham em enxames
como fossem borboletas
Seca teu céu do que é teu
pra que ele possa existir
Dá a ti mesma um jasmim roubado da cerca do jardim público
Grita que és ainda mais suja do que conseguiram conceber
pra que te deixem seguir
catando o que te resta
e depois, suave, te embale
na rede de esquecer-te
(in)dependente

Carolina de Pinho é poeta, bailarina e Terapeuta Ocupacional. A poesia se faz presente em seus dias desde a infância, por influência dos avós e pais. Hoje, naturalmente, e por necessidade, desemboca em seus versos.
caroldepinho@hotmail.com